a cor de Coraline

Alexandre Rampazo

la

a cor de Coraline

Alexandre Rampazo

la

Direitos desta edição reservados à
EDITORA LENDO E APRENDENDO LTDA.
Rua João Romariz, 151 – Ramos
21031-700 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – fax: (21) 3525-2001

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 978-85-62533-60-0

1ª edição – 2018

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R148c
Rampazo, Alexandre
A cor de Coraline / texto [e ilustração] Alexandre Rampazo. – Primeira edição – Rio de Janeiro: Lendo e Aprendendo, 2018.
ISBN 978-85-62533-60-0
1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título.

18-49012 CDD: 028.5 CDU: 087.5

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

O texto deste livro obedece às normas
do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

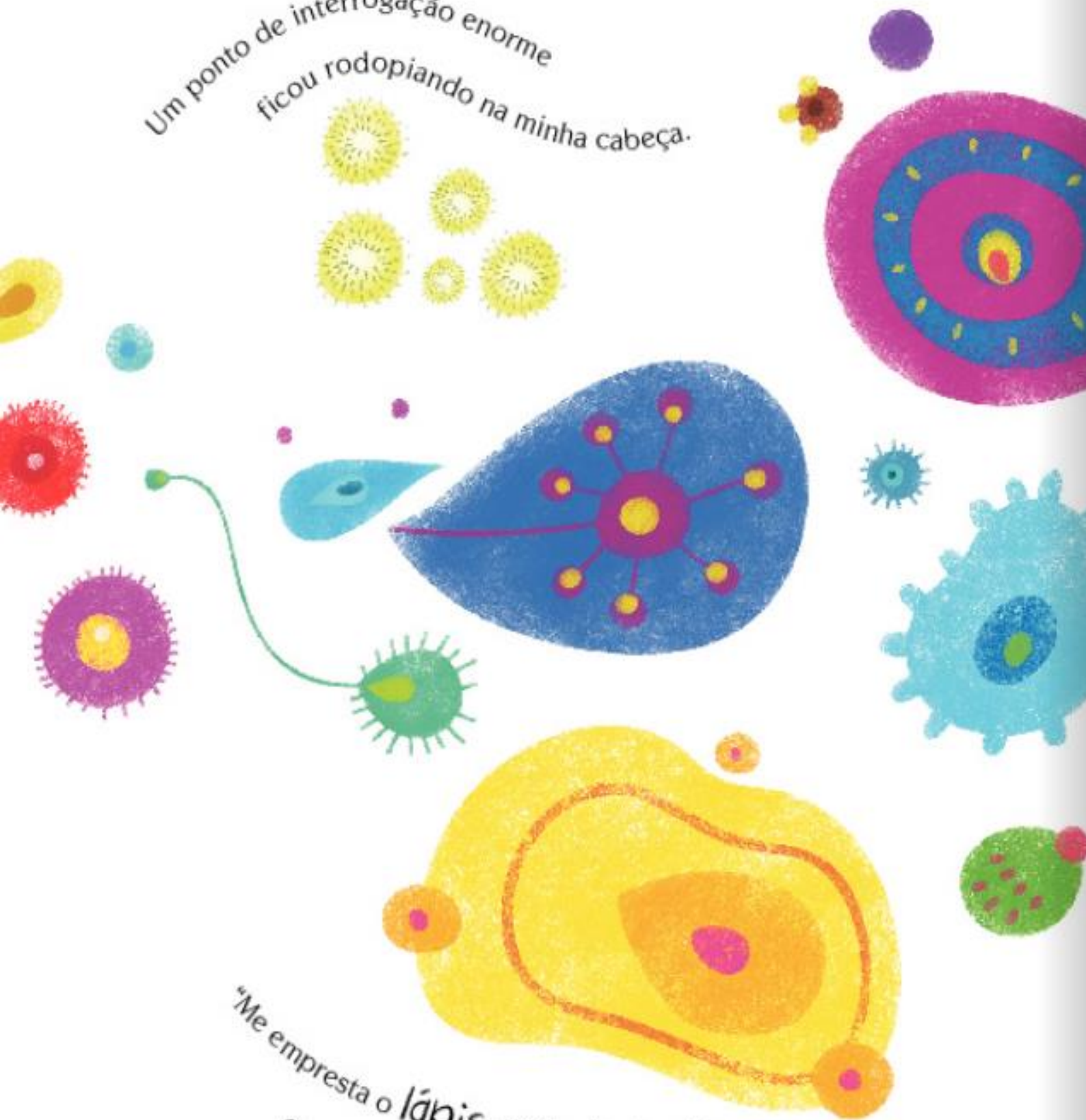
Impressão e acabamento: Gráfica, São Paulo – SP

Para Gabriela e Giulia,
por me ensinarem tanto.

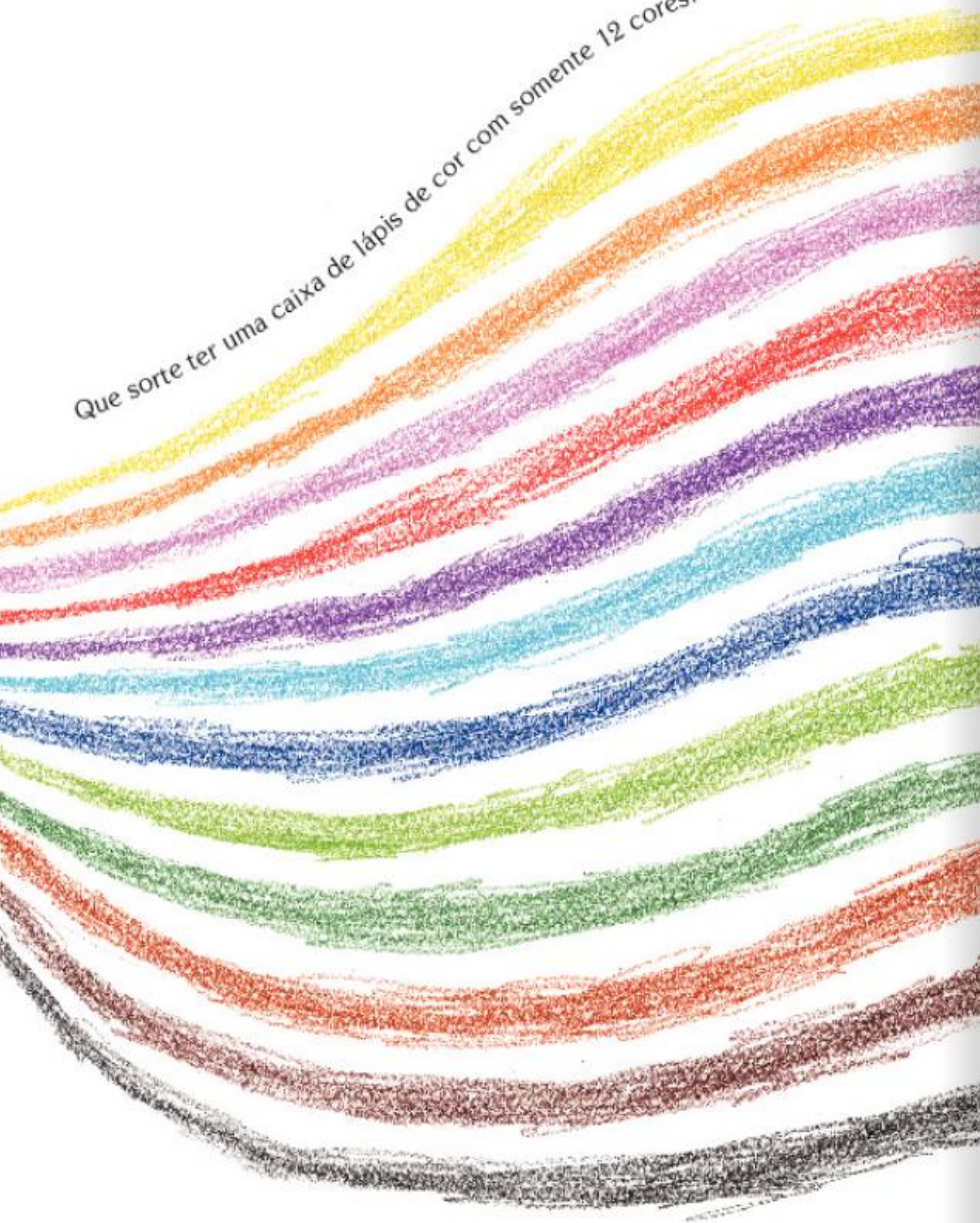
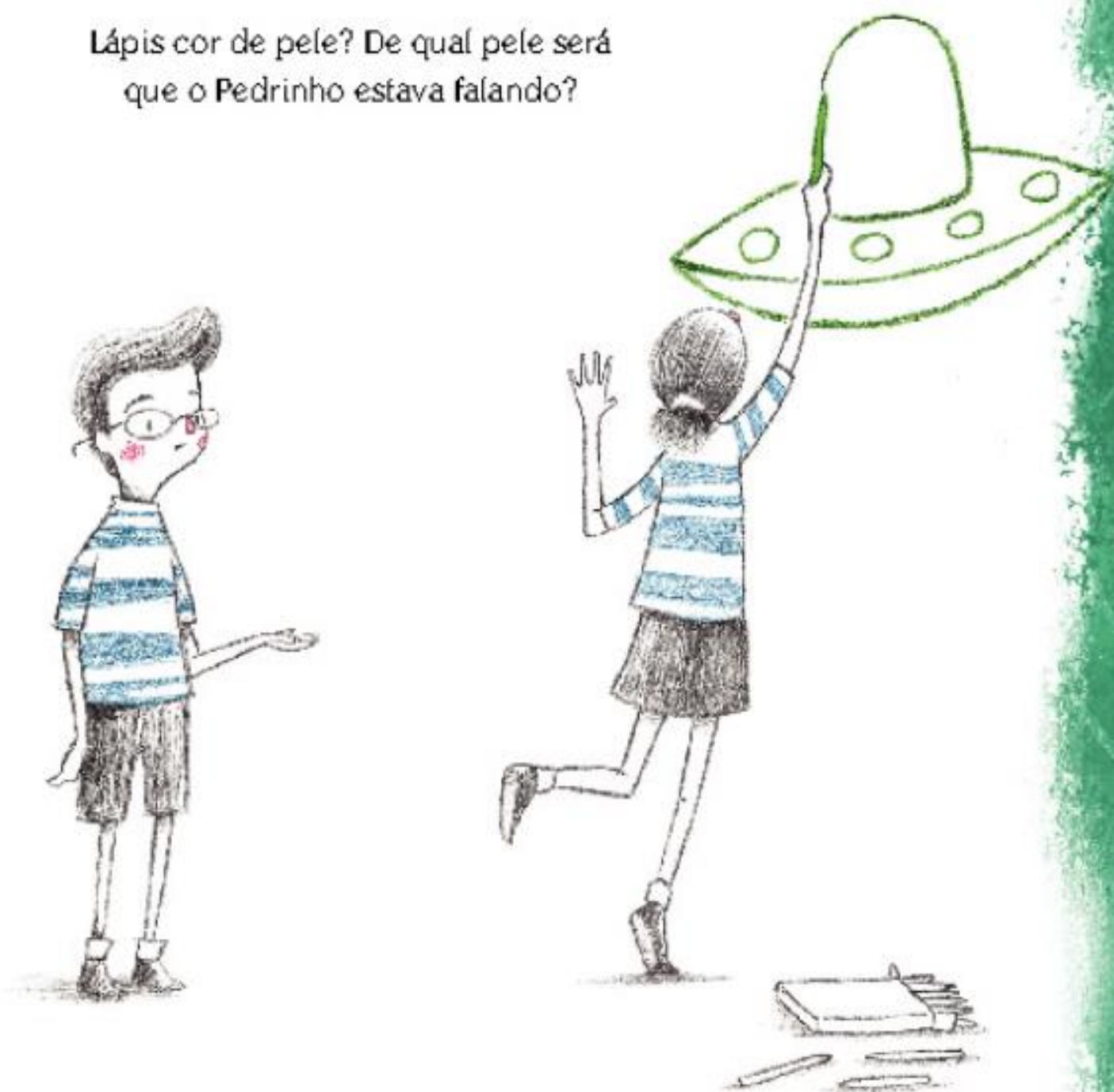
Coraline, me empresta o lápis cor de pele?

Foi isso que o Pedrinho me perguntou e
eu fiquei assim, meio com cara de lagosta,
olhando pra cara dele.

Olhando pra minha caixa de lápis de 12 cores.
Olhando pra cor da minha pele.

Um ponto de interrogação enorme
ficou rodopiando na minha cabeça.

"Me empresta o **lápis cor de pele**?"
O que ele queria dizer com isso?

Primeiro imaginei que qualquer aluno da escola que tivesse uma caixa de lápis de cor de 18, 24 ou 32 cores talvez ficasse com a cabeça ainda mais confusa com a pergunta do Pedrinho. É muita cor, né?

Que sorte ter uma caixa de lápis de cor com somente 12 cores.

Lápis cor de pele? De qual pele será
que o Pedrinho estava falando?

Logo pensei em dar o lápis verde
só pra ver a cara do meu amigo.

Porque, se agora estivéssemos em Marte
e fôssemos marcianos, a gente seria verde.

Bom, pelo menos é o que dizem sobre
os marcianos: são baixinhos, cabeçudos e verdes.

Pensando num lugar diferente como,
por exemplo, Onde Judas Perdeu as Botas...

Tá, eu sei que é um lugar bem longe e que nem existe de verdade, mas, se existisse, comparando com Marte, seria logo ali na esquina.

Fiquei pensando: se alguém nascesse num lugar diferente assim, teria uma cor de pele diferente também.

Nem sei que cor seria essa, mas emprestaria
vários lápis de uma só vez pro Pedrinho pra que ele
ao menos começasse a pintar uma cor de pele tão diferente assim.

O Pedrinho continuava ali olhando pra minha cara,
com a mão estendida, esperando o lápis.
E eu olhando pra caixa de lápis e o
lápis amarelo olhando pra mim.

Imaginei, então, como seria se fôssemos
peixinhos dourados. Tá, eu sei que peixe
dourado é dourado, mas minha caixa
de lápis de cor tem só 12 cores, lembra?

E, quando tenho que pintar peixes dourados, uso o lápis amarelo, você não?
Então, seria este o lápis que eu emprestaria para o Pedrinho.

Comecei a gostar da brincadeira e pensei
num país de envergonhados, onde todo
mundo seria vermelho de vergonha...
Ou poderia ser vermelho de raiva.

O lápis cor de pele que eu emprestaria seria o vermelho, é claro.

E se fosse um mundo fofinho com todo mundo suspirando o tempo todo e fazendo coração com a mão?

Seria um mundo lilás, com todo mundo com a pele lilás.

"Toma, aqui está o lápis lilás, seu fofuxo",

é o que eu diria pro Pedrinho.

E se a gente tivesse nascido lá, o Pedrinho iria dizer:

"Elep ed roc sipál o atserpme em, Enilaroc?".

Certo, tô inventando. Nem sei se os netunianos falam desse jeito, mas seria assim que ele me pediria o lápis cor de pele.

Mas será que tá certo?

A cor da pele é só uma?

A gente vive num mundo com um monte de gente diferente...

Línguas diferentes, tamanhos diferentes, jeitos diferentes, cabelos diferentes, origens diferentes, cores de pele diferentes.

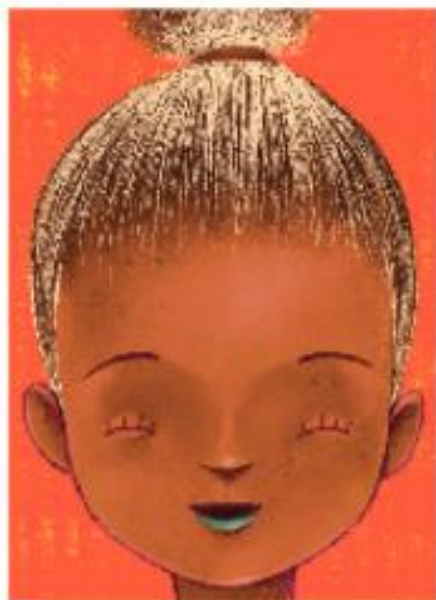
Pensei por um instante em dar o lápis rosa, que era a cor que o Pedrinho usava pra pintar a pele dos personagens que desenhava. Era uma cor bem parecida com a pele dele.

Então, olhei de novo pra minha pele.

Peguei o lápis marrom e passei para o meu amigo.

O Pedrinho olhou pro lápis marrom e
olhou pra mim com uma cara de lagosta.

Depois deu um sorriso, disse obrigado
e começou a pintar o desenho dele
com o lápis cor de pele.

A cor da minha pele.

Eu poderia ser de Marte, ter vindo de Onde Judas Perdeu as Botas, ou ter nascido em um aquário, mas, na verdade, sou de São Paulo. Não sou cinza como o concreto da minha cidade, e às vezes a minha pele é da cor das tintas com que estou pintando um desenho. Trabalho com livros, histórias e desenhos há tempos, e tenho cerca de 50 livros ilustrados.

A Coraline nasceu de um velho papo com minha filha Gabriela, mestranda em educação, e de sua observação constante das ações e reações das crianças no dia a dia num abrigo onde era voluntária.

Coraline, com seu questionamento, acredito tenha muito a nos dizer.

ALEXANDRE RAMPAZO

O Autor

Alexandre Rampazo é paulistano, formado em Design pela Faculdade de Belas Artes. Dedica-se à produção literária, como escritor e ilustrador, e tem diversos livros publicados com suas histórias e/ou desenhos. Em 2015, *Os olhos cegos dos cavalos loucos*, com ilustrações suas e escrito por Ignácio de Loyola Brandão, recebeu o Prêmio Jabuti como melhor livro juvenil. Em 2016, *O mundo dos livros*, com texto de Bia Bedran e ilustrado por ele, foi premiado em 3º lugar na categoria paradidático.

O Livro

Coraline ouve o pedido de seu amigo Pedrinho:

– Coraline, me empresta o lápis cor da pele?

Coraline para, pensa, repensa, faz cara de lagosta e percebe que não sabe o que Pedrinho quer...

O que é a "cor da pele"? Pele de quem? Do que ele está falando?

A leitura de *A cor de Coraline* nos lembrará das muitas cores e de tantas belezas que encontramos nas pessoas. Cada cor de pele tem um significado, uma razão e a diversidade torna nosso mundo mais interessante, mais rico e colorido. Somos todos iguais e diferentes.

CORALINE OUVIU DE PEDRINHO A PERGUNTA QUE ACHOU DIFÍCIL: me empresta o lápis cor de pele? Aí começou a aventura da menina que fica indagando qual seria a cor da pele. Ela olhou todas as cores de sua caixa de lápis. Pequena, tinha apenas doze. Coraline repassou todas as cores e descobriu maravilhada que cada cor de pele é bonita, cada cor tem uma razão, cada cor significa uma pessoa, um jeito de ser.

De cor em cor, ela percebeu que não importa o tom de pele, todos são iguais. E então também soube que linda é a cor de sua pele. Assim, Alexandre Rampazo mostrou a diversidade e a unidade deste mundo. As cores não servem para diferenciar, mas para tornar tudo mais belo. Imagine a monotonia de um mundo cheio de gente de uma cor só! A beleza é a multiplicidade. Daria para Rampazo fazer meninos e meninas com todas as cores do mundo?

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO